

Tempo, corpo e identidade

J. L. Pio Abreu

Conferência proferida nas 6as. Jornadas sobre Comportamentos Suicidários
– Luso, 30/09/06

Sumário:

1. Tempo cíclico: o corpo (o comportamento)
2. Tempo contínuo: a identidade (o duplo)
3. O eu entre o corpo e a identidade
4. A crise contemporânea da identidade e o apelo ao corpo
5. O corpo só: presente sem memória nem sentido

Talvez a melhor maneira de introduzir este tema seja retomar a conhecida novela de Óscar Wilde, “O Retrato de Dorian Gray”

Dorian Gray era um jovem órfão mas rico, cuja força e beleza fascinava qualquer pessoa. Fascinou o pintor Basil Halward que insistia a pintar-lhe o retrato - a pintura mais bem conseguida da sua vida. Por ele também fascinado, um amigo do pintor, Lord Henry, um céptico, tornou-se o seu confidente e conselheiro. Ao ver o esplêndido retrato acabado, Dorian Gray formulou um desejo secreto: que ele conservasse a sua beleza e juventude, e que fosse o retrato a envelhecer.

Aconselhado por Lord Henry, Dorian Gray levava uma vida despreocupada, ao sabor do seu prazer e das suas sensações, evitando compromissos. Quando desenganou a primeira jovem que seduziu, levando-a ao suicídio, entrou nos aposentos onde se encontrava o quadro.

“Ao rodar o puxador, o olhar caiu-lhe sobre o quadro que Basil Hallward lhe pintara. Recuou surpreendido... Assim que desabotoou o casaco, pareceu hesitar. Finalmente voltou atrás, acercou-se da pintura, e examinou-a. À indistinta luz que coava através dos cortinados de seda creme, pareceu-lhe

que o rosto estava um pouco mudado... Dir-se-ia que a boca apresentava um toque de crueldade. Era, sem dúvida, estranho.”

“Voltou-se e foi à janela erguer as persianas. ... A luz trémula e quente do sol mostrava-lhe os traços de crueldade em volta da boca tão claramente como se ele se visse ao espelho depois de ter praticado uma má acção.”

O desejo de Dorian Gray tinha-se tornado realidade. Não era ele que ficava marcado pela vida que levava, mas sim o seu retrato que envelhecia. A vida continuou despreocupada, tanto mais que a sua beleza continuava a fascinar toda a gente. Vítimas da sedução, os seus amigos e amigas iam caindo na desgraça e muitos começavam a evitá-lo ou mesmo a ameaçá-lo. Mas o aspecto de Dorian Gray mantinha-se jovem, fulgurante e ingénuo. Só o retrato ia envelhecendo com as marcas dos seus crimes. Tinha-o escondido numa sala, mas procurava-o sempre que era assomado por um laivo de consciência.

Uma vez foi visitado pelo pintor, que queria expor o retrato. Discutiu com ele e acabou por lhe revelar o segredo. Mas, num ímpeto, assassinou-o, atribuindo-lhe a causa dos seus males. Através de chantagem, conseguiu que uma das suas vítimas, Alan Champbel, lhe desfizesse as provas do crime. Depois de concluir o trabalho repugnante, Allan Champbel, suicidou-se. Tratava-se de um duplo crime, reflectido no quadro pela sua cara disforme e horríveis manchas de sangue nas mãos. Mas voltemos às reflexões de Dorian Gray pela escrita de Óscar Wilde:

“Só existiria uma prova contra ele. Era o retrato. Tinha de o destruir (...) Matara o pintor; agora ia matar a obra do pintor e tudo o que ela significava. Mataria o passado e, morto este, ficaria livre. (...) Pegou na navalha e feriu com ela o quadro. (...) Ouviu-se um grito e um baque.

Quando (os criados) entraram, viram pendurado na parede um esplêndido retrato do seu amo, tal qual ultimamente ele era, com toda a maravilha da sua juventude e requintada beleza. No soalho, jazia um homem morto, em fato de noite, com uma navalha espetada no coração. Tinha um rosto macilento, enrugado, repugnante. Só depois de terem examinado os anéis que trazia é que descobriram quem era.”

O desfecho da novela é previsível, tanto que nem se menciona o nome do morto. Ao destruir o retrato, Dorian Gray mata-se a si próprio, porque o retrato é a sua alma. Ao contrário, o corpo de Dorian Gray, eternamente jovem e imutável, sem passado nem futuro, teria a natureza de um retrato.]

-

Ao separar o corpo e o seu comportamento das marcas que nele ficam, Oscar Wilde opera uma distinção subtil entre duas formas de viver o tempo. Enquanto que no retrato se acumulam as marcas de um tempo contínuo e irreversível, o comportamento ainda regista o tempo. No entanto, o tempo do corpo em movimento é cíclico e pode reverter-se: trata-se de repetir comportamentos dia após dia, semana após semana, ano após ano, como se o futuro não fosse mais do que a repetição do passado. É aquilo a que se chamou a ilusão do eterno retorno.

Tempo cíclico: o corpo (o comportamento)

Quando não precisamos de mais do que repetir os gestos aprendidos, o tempo aparece-nos como um eterno retorno ao passado. Todos os dias repetimos os gestos da manhã, da hora de almoço, do regresso a casa, da noite. O fim e o início da semana são um novo ciclo. A primavera, o verão, as férias, o outono e o inverno, aparecem em sequência de ano a ano, tal como as folhas que caem e renascem, chamando a repetição dos mesmos gestos e com a certeza de que eles hão-de voltar.

Os povos arcaicos, que não conheciam mudanças senão as diárias e sazonais - aquelas que os astros marcavam -, viviam o tempo como um eterno retorno. A própria morte era vista como um renascimento. O cadáver, lançado à terra-mãe ou à água, iria renascer no ventre de uma mulher. Para alguns povos, o renascimento era imediato, e as mulheres desejosas de serem mães colocavam-se à cabeceira do moribundo na esperança de engravidarem. Noutras, a reencarnação ocorria nas festas dos mortos, que incluíam orgias. À criança que se queria reencarnada dava-se o nome do falecido, prática essa que, independentemente das crenças, subsiste hoje pela atribuição dos nomes de família. O renascimento foi aceite, com variantes, por diversas religiões, embora condicionado ao cumprimento das

normas. O dia da ressurreição e do juízo final, que domina a idade média, é uma dessas variantes. Mas o renascimento também poderia ocorrer noutra ser vivo ou mesmo numa planta. A crença da metempsicose, que muita gente, ainda hoje partilha, foi aberta por esta noção.

Tempo contínuo: a identidade (o duplo)

Para além disso, os humanos também vivem um tempo contínuo, e vamos tentar demonstrar que o vivemos através da identidade.

Independentemente de saber se os mortos renascem noutras pessoas, em animais ou plantas, o certo é que podemos representá-los bem e, às vezes, tão bem que nos sentimos transformados neles. Fazem-no os povos primitivos durante os seus rituais e as crianças durante as brincadeiras. Aliás, todo o crescimento cognitivo humano visa a representação de coisas, animais e pessoas mesmo na sua ausência, ou seja, num tempo em que eles não estejam presentes. Finalmente, também aprendemos a representarmo-nos a nós próprios fora do tempo presente, ou seja, no passado e no futuro.

As acções humanas são teleológicas, ou seja, não se orientam pela aprendizagem passada, mas por um futuro desejável. E nesse futuro existe sempre representação.

-

Em qualquer acção que implique uma decisão voluntária, está sempre à nossa frente, num futuro próximo a nossa representação. Por exemplo, quando uma senhora está em frente de uma montra e decide comprar um vestido, ela representa-se a si própria com aquele vestido, mesmo antes de o experimentar ou de o comprar. Quando procuramos um prego e um martelo para pendurar um quadro na parede, a primeira coisa que representamos é a nossa actividade de pregar o prego. Mesmo quando estudamos, ou preparamos uma conferência, já antecipamos a nossa presença durante a actividade preparada. Qualquer actividade voluntária tem, como pano de fundo, a nossa presença representada, por uma imagem, uma dinâmica ou uma narrativa.

Assim, vivemos permanentemente com a nossa representação. Como dizia Edgar Morin em 1951 (*O Homem e a Morte*, Europa-América), criamos

um duplo de nós próprios. No entanto, é esse duplo que nos dirige.

O duplo, viajando entre o passado e o futuro, é a nossa identidade. Se o duplo, como ideal do eu, se apresenta diferente do corpo que o produziu, é o corpo que se deve submeter, nem que tenha de recorrer a operações, como acontece nos trans-sexuais. E se o corpo comete uma acção que o duplo não aceita, ele pode desaparecer nessa estranha sensação de despersonalização. O duplo, não só comanda os movimentos do corpo, mas também o veste, penteia-o, embeleza-o, limpa-o, provoca-lhe marcas, aquelas marcas que nós queremos que correspondam à nossa identidade. Desde as tatuagens aos piercings, ao cabelo rapado à barba desgrehada, da minissaia à burca, dos cabedais negros e cintos metálicos até ao fato e gravata, aí estão as marcas que o corpo ostenta. E tanto mais nos tentamos esses sinais quanto menos os outros reconhecem a nossa identidade.

A identidade é formada pelo duplo. Está fora de nós, é pura representação (ou, se quisermos, imaginação). Não é o corpo mas acompanha-o sempre, apenas o deixando nos desmaios ou no adormecer - uma pequena morte. Mas eis que ressurge, onnipotente, nos sonhos e nas fantasias. Está acima do corpo, comanda-o, controla-o, modifica-o. É mais importante do que o corpo, daí a evidência comum de que lhe sobrevive. No fundo, esse duplo é a nossa alma.

Sendo o duplo tão importante, não admira que o procuremos materializar. A sombra parece ser uma dessas materializações. "Dá azar um homem deixar de ver a sua sombra", diz-nos uma personagem de Mia Couto. Nalgumas ilhas do Equador, os habitantes também não saem ao meio dia, pois que receiam perder a sombra. Noutros locais, não se deve ocupar a sombra de uma mulher grávida (nem da sogra), como não se deve fazer sombra sobre um morto. O reflexo, das águas ou dos espelhos, também podem materializar o duplo. Muitos povos temem as fotografias dos turistas porque lhes roubam a alma. Os espíritas de hoje procuram incessantemente a materialização do corpo astral.

De onde vem essa superioridade do duplo? Já vimos que a representação de si próprio deriva da representação dos outros. Mas o duplo

idealizado que nós construímos também se adequa às expectativas das pessoas que nos cercam. Em princípio, a identidade é conferida pela comunidade e alimenta-se do reconhecimento mútuo. A identidade também tem a ver com os papéis que desempenhamos, através dos quais partilhamos da dinâmica comunitária. Assim, a identidade transcende o corpo e representa a própria comunidade que persiste para além do espaço e do tempo do corpo individual. Mesmo que, em crise de identidade, os jovens procurem a sua independência, eles fazem-no através da exibição de outras identidades que, mesmo assim, implicam a partilha com micro-comunidades subculturais. A força da identidade vem daí: ela representa a comunidade, sem a qual nenhum ser humano conseguirá viver. E o próprio indivíduo, mesmo ausente (ou ainda que tivesse morrido), também continua representado pelos outros membros da comunidade. Assim, a nossa representação ultrapassa-nos e ultrapassa o nosso tempo. Vive num tempo contínuo que se prolonga para além do tempo da nossa vida.

O eu entre o corpo e a identidade

A questão que agora se coloca é saber se a identidade é equivalente ao eu. Sem dúvida que o eu se alimenta da identidade, mas talvez não se esgote nela. Entre o duplo e o próprio corpo existe um movimento de vai e vem, no meio do qual se encontra o eu.

-

Num livro recente, Jean Claude Kaufmann (*A Invenção de Si*, Instituto Piaget) constata aqueles momentos em que nos sentimos “plenamente em nós mesmos”. São os momentos de felicidade, onde um desejo se realiza, onde uma contemplação estética se impõe, onde o corpo se vira para as sensações que desperta, onde se vive uma eternidade, onde o tempo não importa mais. Aí, a identidade incorpora-se e detém-se no presente, um presente eterno. São momentos íntimos e muito pessoais, pouco falados. É difícil estabelecer um protótipo desses momentos eternos, pois que são únicos para cada pessoa, Mas cada um de nós saberá do que estou a falar. O eu realiza-se nestes momentos. Mas está por saber até que ponto eles também incorporam os relacionamentos mais significativos.

A crise contemporânea da identidade e o apelo ao corpo

A formação da identidade, a menos que decorra de uma comunidade estável e ritualizada, não é geralmente pacífica. Não o é, sobretudo, no estado presente da civilização ocidental.

-

No seu livro autobiográfico “Nação Prozac”, Elizabeth Wurtzel conta-nos como, dividida entre um pai e uma mãe tão diferentes e em guerra aberta, a encarnação de uma personagem saudável lhe soava a falso. Sem conseguir orientar-se na relação com os outros, apela ao corpo. O gosto de se arranhar nos matos dá lugar aos cortes intencionais das pernas. Em caso de “necessidade, se o desespero se tornasse insuportável, podia infligir dor ao próprio corpo, o que lhe dava uma sensação de paz e poder”. Se o duplo, demasiado confuso, não podia comandar o corpo, seria então o corpo a comandar o seu duplo.

Esta descrição, bem como a história das pessoas com personalidades borderline, é ilustrativa em vários aspectos. Antes de mais, pelo facto da nossa identidade ser marcada pelos compromissos com os outros e com as comunidades que nos cercam. A mãe de Elizabeth era judia, com uma disciplina repressiva mas bem integrada na comunidade. O pai, descendente de operários, representava a liberdade. Porém, muito isolado, caiu numa letargia após o divórcio, sem disponibilidade para acompanhar a filha. Elizabeth comprometia-se alternadamente com cada um deles contra o estilo de vida do outro. Em consequência, a sua identidade encontrava-se dividida e contraditória. Não havia problemas quando estava, sozinha, envolvida numa tarefa, e nisso era mesmo brilhante. Mas os problemas surgiam quando, no convívio com as colegas, não sabia o que fazer, e passava por elas como se não existisse e fosse invisível. E era-o. Só a dor física lhe permitia recuperar a visibilidade, pelo menos para si própria. E as cicatrizes do corpo ali ficavam para garantir a sua existência, nem que fosse no jogo de escondidas que passou a fazer com a mãe. Finalmente, a importância da música. Foi a partilha dos seus heróis musicais, nomeadamente os Springsteen que lhe serviram de base para relacionamentos futuros, nomeadamente amorosos.

Elizabeth Wurtzel é agora jornalista e escritora de sucesso. O livro foi um êxito porque muita gente da sua idade, por todo o mundo, se viu retratada na sua história. Tal como ela, muitas pessoas que nasceram depois dos anos 60 tiveram de reconstruir a sua identidade, não já pelos padrões oferecidos pelos pais, mas com base na sua própria experiência. Escrever o livro fez parte dessa reconstrução, tal como muitas pessoas escrevem hoje as suas histórias na Internet.

-

Neste tempo, a que já se chamou a pós modernidade, parece que o grande desafio que se nos coloca é o de reinventar a identidade.

Para além disso, assistimos, nos últimos 20 anos a uma evolução tecnológica sem precedentes. Com a comunicação por satélite, os telemóveis e a Internet, os nicknames, as identidades virtuais, o tempo acelerou e o espaço comprimiu-se. Estamos na chamada globalização. Talvez não nos tenhamos apercebido ainda das tremendas modificações que a globalização imprimiu na natureza humana. O certo é que, para além do relativismo que resulta do conhecimento de diversas culturas, cada vez contactamos menos e durante menos tempo com os nossos próximos, cada vez nos deslocamos mais, perdemos a noção do território e deixamos de viver em comunidade. Ou antes, partilhamos de um modo superficial de várias comunidades efémeras. A identidade torna-se confusa, o nosso duplo está em crise.

O corpo só: presente sem memória nem sentido

Simultaneamente, assiste-se a uma revalorização do corpo, que pode ser sintomático. O corpo em jogging, em desportos radicais, o corpo exibido, tatuado, perfurado, pintado, o corpo flagelado, mutilado. Perdida a identidade, perdido o nosso duplo, só o corpo pode agora alojar o eu. E quando nada mais existe, resta o grito do corpo que dói.

Mas o corpo está condenado ao presente. Quem viajava no tempo, do passado para o futuro, era a nossa identidade, o nosso duplo. A noção da continuidade do tempo pode estar assim a perder-se. Aprisionado no corpo, perdido o seu duplo, o eu perde a memória e o sentido do futuro, voltando-se quando muito para o eterno retorno, auxiliado pelas tecnologias e pela

cirurgia plástica.

Ninguém melhor que Michael Jackson o pode simbolizar.

Voltámos a ser Dorian Gray, mas apenas o seu corpo. Porque o retrato, para que não tenhamos a tentação de o destruir, se encontra bem escondido sob a cortina da nossa incapacidade de agir.

-

É possível que estejamos apenas numa transição. De um modo ou doutro, com internet, telemóveis e viagens, os humanos hão-de construir as suas novas comunidades, e parece ser essa a tendência que por todo o lado se vê, mesmo à custa das mais inacreditáveis seitas. Será que, com a globalização, poderemos atingir uma identidade humana universal? Paradoxalmente, esse é o caminho que, à sua maneira, e apesar das diferenças e conflitos, todas as grandes religiões procuram. Talvez precisemos de uma religião menos preocupada com Deus mas mais preocupada com os humanos e o seu futuro. Embora esquecido, existe um nome para esta religião: chama-se o humanismo.